

SESSÕES DO PLENÁRIO

82ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 28 de novembro de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADO ALEX LIMA (1º VICE-PRESIDENTE)

O Sr. PRESIDENTE (Alex Lima): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial em homenagem ao centenário do nascimento de João da Costa Falcão, proposta pelo deputado Alex Lima.

Convido para compor a Mesa o Ex.^{mo} Sr. Deputado Estadual Eduardo Salles; A Sr.^a Adenil Falcão, representando os filhos do homenageado; o Sr. João Falcão Neto, representando todos os netos do homenageado; o Sr. Presidente da Academia de Letras da Bahia, Dr. Joaci Góes; o Sr. Presidente da Associação Bahiana de Imprensa, Dr. Walter Pinheiro; o Ex.^{mo} Sr. Vereador Justiniano França, que neste ato representa o prefeito da cidade de Feira de Santana Colbert Martins; o Sr. Deputado Emiliano José. (Palmas)

Convido todos os presentes para ouvirmos o Hino Nacional e o Hino da Bahia executados pelo nosso grande artista Armandinho.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles): Neste momento, concedo a palavra ao proponente da sessão especial, deputado estadual Alex Lima.

O Sr. ALEX LIMA: Deputado estadual Eduardo Salles; Sr.^a Adenil Falcão, que neste ato representa os filhos do homenageado; Sr. João Falcão Neto, querido amigo, que neste ato representa todos os netos do homenageado; Sr. Presidente da Academia de Letras da Bahia, Dr. Joaci Góes; Sr. Presidente da Associação Bahiana de Imprensa, Dr. Walter Pinheiro; Sr. Vereador Justiniano França, representando o prefeito Colbert Martins; e o meu querido amigo, deputado Emiliano José.

(Lê) “Bom dia, meus amigos e amigas. É uma satisfação muito grande receber todos vocês aqui. É muito bom saber que não estamos sozinhos. Que ninguém soltou a mão de ninguém. E que, juntos, não deixaremos essa chama se apagar.

Quando a gente fala sobre luta, liberdade de expressão e justiça social, um pacote de pleitos e grupos de minorias vem à nossa cabeça. A gente lembra das vozes esquecidas na classe menos favorecida da sociedade e do quanto elas têm a contribuir. Do quanto elas precisam de oportunidades e de empatia. E quando pelas nossas vidas, pela nossa história, passa alguém que se importa e oferece microfone para essas vozes, a gente tem que fazer o que a gente está fazendo aqui hoje.

Falar de João Falcão é falar de militância e de tudo que remete à liberdade. É falar de um homem que dedicou toda sua vida ao jornalismo e ao combate à repressão. De um homem que ouvia as minorias e não mediu esforços para lutar por justiça social. João Falcão mostrou para a Bahia e para o mundo que a gente nasceu livre e que morreremos livres.

O escritor francês Honoré de Balzac afirmou, ainda no século XVIII, que ‘a liberdade leva à desordem, a desordem à repressão, e a repressão novamente à liberdade’. E é justamente para isso que estamos aqui: para lembrar à sociedade que somos livres, assim como nos ensinou João Falcão.

Com repressão, ameaças e violências das mais perversas tentaram apagar essa chama, mas em nenhum momento João Falcão sucumbiu e permitiu que ela se apagasse. A chama continuou lá. Acesa, quente, vibrante e iluminando novos caminhos. Novas direções. E cá estamos seguindo-a.

Seguiremos no caminho da democracia, da equiparidade de direitos e da tolerância.

A história de João Falcão começou em 1919, na nossa querida Feira de Santana, onde foi o segundo filho de uma família de 13 irmãos. Em Salvador, completou o ginásio, ingressou na Faculdade de Direito e na militância estudantil, integrando o Partido Comunista do Brasil e se posicionando contra a ditadura do Estado Novo. Ainda como estudante, lançou a revista antifascista *Seiva* e em 1945 fundou o jornal *O Momento*. Casou-se com Hyldeth Ferreira Falcão, com quem teve sete filhos, netos e bisnetos. Suplente de Carlos Marighella como deputado federal, João Falcão dedicou sua vida à disseminação de ideias, conscientização política e liberdade.

Sua coragem e sua força foram medidas quando, em plena Ditadura Militar, fundou o *Jornal da Bahia*, um vespertino que formou jornalistas militantes da imprensa baiana e nacional e que enfrentou com bravura o então governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães.

No *Jornal da Bahia*, João Falcão nos mostrou na prática o conceito de notícia dito por William Randolph: ‘Jornalismo é publicar aquilo que alguém não quer que se publique. Todo o resto é publicidade’. E assim passou a ser perseguido pelo chefe do Executivo baiano na época. Mas como todo bom baiano, com consciência social e compromisso com a verdade, ele lutou.

A luta empenhada pela liberdade de imprensa e contra a ditadura ganhou apoio popular e a campanha ‘Essa chama não pode se apagar’ tomou corpo, marcou a história da Bahia e do *Jornal da Bahia*. Assim, João Falcão personalizou a famosa frase de Alan Basílio: ‘Quem luta contra qualquer tipo de sistema opressor ou ditador não é rebelde, é libertador.’

E do *Jornal da Bahia* criaram-se diversos escritores e jornalistas libertos e libertadores, como Glauber Rocha, Muniz Sodré, Florisvaldo Mattos, João Carlos Teixeira Gomes, Sebastião Nery, Samuel Celestino, Emiliano José, Levi Vasconcelos, Newton Sobral, Joaci Góes e muitos outros que também estão aqui presentes.

João Falcão completaria no último dia 24, 100 anos de nascimento. Destes, mais de 70 foram dedicados ao jornalismo e à escrita, nas mais diversas formas. Afastado

das rotinas diárias de uma redação, iniciou sua visionária carreira de escritor, publicando livros de memórias, biografias e depoimentos históricos.

Em todas essas etapas, ele deixou sua marca pela liberdade de expressão. Ao completar 90 anos, tornou-se membro da Academia de Letras de Feira de Santana e da Academia de Letras da Bahia, em 2010, para ocupar a cadeira 35. Ele partiu aos 92 anos de idade, absolutamente lúcido e atuante, enquanto preparava mais uma obra, a biografia de Luís Carlos Prestes.

João da Costa Falcão teve, sem dúvida, uma existência digna, ativa, que deixou marcas que não se apagarão jamais. Uma vida que valeu a pena, uma vida inspiradora, que deixou exemplos para as gerações futuras. Sua chama nunca se apagou. Permanece acesa e assim se perpetuará ao longo da história. Viva João Falcão!”

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex Lima): Ouviremos o Bolero de Ravel com Armandinho Macêdo.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. Armandinho Macêdo: Obrigado.

Eu quero agradecer por poder prestar essa homenagem a uma pessoa que eu tive a oportunidade de conhecer. Praticamente entrei na família dele, como pai adotivo, numa convivência de mais de 40 anos, com o João Falcão Neto, que é um filho querido. Tive a oportunidade de conhecer João Falcão e D. Detinha, pessoas maravilhosas e de muita dignidade. Pessoas muito queridas. Eu abracei e senti um carinho enorme pela família.

Muito obrigado por me dar essa oportunidade, Joãozinho, de estar aqui hoje podendo prestar essa homenagem.

Obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Alex Lima): Antes de assistirmos ao vídeo biográfico, eu gostaria de ler a correspondência enviada pela deputada Lídice da Mata, que não pôde estar presente porque está no congresso do Partido Socialista Brasileiro.

(Lê) “Prezados amigos e familiares do jornalista João Falcão,

Impossibilitada de estar nesta justa e merecida homenagem, saúdo os amigos e amigas presentes com muita alegria, pois João Falcão foi um homem íntegro, jornalista ético e profissional respeitado pelos defensores da democracia.

João não se dobrou, mesmo enfrentando um forte cerco de perseguição. Conduziu com dignidade e honradez os veículos de comunicação por onde passou.

Sabemos o quanto é difícil levar informação séria e de credibilidade à população e temos visto, neste pouco tempo de governo Bolsonaro, como é árduo o caminho de quem não faz comunicação de adesão.

João Falcão também provou o sabor amargo da perseguição, tanto da Ditadura Militar quanto do governo estadual à época. Ainda assim, garantiu ao povo da Bahia o direito à informação que, na Constituição de 1988, viria a ser homologado.

Impossibilitada de comparecer a tão justa homenagem, pois estou em Brasília em compromissos inadiáveis na Câmara dos Deputados, na trincheira da resistência contra a cruzada autocrática, que retira direitos e ameaça ressuscitar fantasmas como os do AI-5 e da violência contra aqueles que se opõem à sua agenda de retrocessos, desejo uma excelente sessão à altura do nosso homenageado, que tive o orgulho de conhecer e acompanhar o seu trabalho.

Também parablenizo o deputado estadual Alex Lima, que muito nos orgulha tê-lo em nosso partido, pois é um jovem líder de caráter progressista e autêntico defensor da Democracia.

Atenciosamente, Lídice da Mata – deputada federal.” (Palmas)

Assistiremos agora ao vídeo biográfico.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Alex Lima): Concedo a palavra ao ex-deputado Emiliano José.

O Sr. EMILIANO JOSÉ: Bom dia.

Saúdo, primeiramente, o querido deputado Alex Lima, que teve a perspicácia e a seriedade de lembrar de uma figura da nossa história. João Falcão é um homem que é parte da história do Brasil e parte da história da Bahia. Um legado que ele deixou que ainda não está devidamente dimensionado. E esta sessão dá outro passo no sentido de resgatar a sua trajetória.

Ao agradecer, devo dizer-me honrado pelo convite de estar aqui.

Também saúdo o deputado Eduardo Salles, que estava aqui conosco até agora há pouco; Adenil Falcão, que representa os filhos de João; João Falcão Neto, representante de todos os netos do homenageado, eu aproveito para citar os dois juntos, o querido Joaci Góes e o querido Walter Pinheiro, eu nunca me esqueço de citar que eles me abraçaram na chegada dos cárceres da ditadura, foram eles dois que disseram: entre a casa é sua, na *Tribuna da Bahia*. Isso eu não me esqueço, nunca me esquecerei. (Palmas.)

E logo depois, três meses depois, eu fui abraçado também pelo *Jornal da Bahia*, de João Falcão. Então, eu tenho dívidas muito grandes com Walter, com Joaci e com João, sem nenhum... João eu falo pela amizade, pelo carinho, deveria ser um pouco mais reverencial, mas não o serei, eu tratarei de João.

O vereador Justiniano França que representa aqui o prefeito Colbert Martins. São muitos João, João não é um, eu falo com a emoção da amizade, ele tem, a primeira fase dele que é uma longa fase, 20 anos, a fase dele como comunista. Às vezes as pessoas e nos dias de hoje até têm algum receio de dizer isso, João foi um grande comunista e um homem de uma coragem, de uma intrepidez na militância pouco conhecida, é verdade, e ainda volto, insisto que é preciso resgatar tudo isso da história de João. Ele é fundador, com 19 anos ele funda a revista Seiva, é uma coisa extraordinária que foi uma das melhores e mais corajosas publicações da época. Em 1938, ele funda a Seiva, em pleno estado novo com as características que nós sabemos do estado novo. Ele já

tinha veia jornalística, porque misturam-se o jornalista que nascia logo ali e o militante comunista, o militante do Partido Comunista.

Eu muito recentemente tive que me envolver leituras novamente em torno dele, da história dele, porque me convidaram para uma conferência na USP sobre Marighella, sobre quem já escrevi. Mas aí, eu necessariamente, para entender Marighella eu tinha que ler João Falcão. Pouca gente sabe, ele foi o dirigente do PCB há época, do partido que foi em 1942, conversar com um Bureau Sul-Americano da Terceira Internacional em Buenos Aires, com todos aqueles, quem conhece um pouco a história do Partido Comunista e da luta dos comunistas sabe a dificuldade que era sair daqui e ir para lá naquele momento de ditadura e tudo, e ele foi e levou de contra peso, se pudermos chamar assim, o Arruda Câmara, que depois tornou-se um grande dirigente do partido também e fez os contatos para discutir - estou falando aqui diante de velhos dirigentes do partido também - os rumos do PCB que estava num momento muito difícil de reorganização e de muita dificuldade para saber quem era o centro de rearticulação do partido à época. E ele foi lá discutir e trazer orientações. Depois há toda uma reorganização que eu não vou aqui tratar pela desnecessidade neste momento. Mas o que quero destacar é que ele não era simplesmente um jornalista. Era jornalista, fez A Seiva, um intelectual jovem e denso desde muito cedo, e era também um dirigente comunista. Um sujeito dedicado à luta dos comunistas.

Ele faz A Seiva, já disse, depois ele vai ser o sujeito que vai articular um jornal, o jornal do Partido Comunista também, *O Momento*. Ele vai dirigir *O Momento*, e *O Momento* vai ser uma espécie de celeiro para vários jornais depois: *A Tribuna*, alguns de *O Momento* para lá; o *Jornal da Bahia*, vão alguns de *O Momento*, para o próprio João, e tudo.

Para resumir, ele termina, termina é uma maneira de dizer, ele termina sua militância orgânica, eu diria assim, no partido, quando do congresso que revela as atrocidades do estado em 1956. Aí, ele sai do partido, como muita gente saiu, outros nem tanto, mas muita gente naquele momento saiu. Mas João era um sujeito de ideais. Era um sujeito de esquerda e continuou de esquerda, como tal ele seguiu.

E em 1958... Por isso que eu digo que são alguns Joões. O primeiro, o comunista, 20 anos de clandestinidade, como ele chamava. Depois, se pudéssemos separar, o homem do *Jornal da Bahia*. Não é que ele não fosse jornalista antes, já disse que era. Mas, aí, o homem do *Jornal da Bahia*, que foi um empreendimento extraordinário. Era uma ousadia, era a grande inovação do jornalismo baiano naquele momento. Tinha o jornal *A Tarde*, consagrado e com história de tanto tempo, conservador, e conservador aqui não é nenhum adjetivo depreciativo. Era um jornal conservador. A chegada do *Jornal da Bahia* foi uma revolução, porque reuniu uma parcela muito grande da intelectualidade baiana, nomes extraordinários que não cabe aqui citar. Eu falava da dificuldade de citar nomes, dizia: Não, não é bom citar nomes! Eu dizia a Adenil. Adenil estava preocupada porque disseram “Você esqueceu aquele nome...” E eu dizia: Não tenham a ilusão, se for citar nomes, você vai se desgastar, é melhor não citar. Então eu não cito os tantos que o *Jornal da Bahia* agrupou, nomes nacionais e mundiais que o *Jornal da Bahia* agrupou no primeiro momento. E, depois, e também mais tarde, já

ressaltei isso aqui, foi, como foi *A Tribuna*, um abrigo para tantos de nós que saíamos das cadeias. É uma verdade, embora, Gustavo está aqui para testemunhar.

O cara que me mandou para a tortura, pediu que eu fosse demitido do *Jornal da Bahia*. Bom, Walter e Joaci, o cara é Luiz Arthur de Carvalho, coronel Luiz Arthur de Carvalho, torturador conhecido. Ele quem me mandou para a tortura. E ele pediu minha cabeça. Gustavo está aqui para... Gustavo Tapioca está aqui para confirmar. E o *Jornal da Bahia* segurou minha cabeça. Não entregou feito entregar a cabeça de João Batista, não. Continuei no *Jornal da Bahia* trabalhando e foram os jornais que me deram régua e compasso para me tornar jornalista.

E o *Jornal da Bahia* foi uma espécie de casamata da resistência. Em um determinado momento, o autoritarismo, a violência, a arrogância do então governador Antônio Carlos Magalhães que era como se sabe um sujeito de um autoritarismo tão ensandecido que ele superava a própria ditadura, a ditadura.

E todo mundo sabe que eu não tenho nenhuma razão para elogiar a ditadura, muito pelo contrário, mas ele era tão ensandecido que ele queria..., ele processou o editor chefe do *Jornal da Bahia*, João Carlos Teixeira Gomes e os juízes militares o absolveram.

Antônio Carlos era o que era, não é? E o *Jornal da Bahia* não cedeu diante da truculência, da arrogância, da violência, o *Jornal da Bahia* não cedeu, não deixe essa chama se apagar e fez uma campanha extraordinária que marcou época na vida da Bahia.

Isso era João. E quem está à frente de jornal sabe a dificuldade. Sabe o que isso...o estrangulamento, a exigência de que as empresas não anunciassem no jornal. Tudo isso ocorreu, efetivamente.

E, João não cedeu, era a dignidade, a firmeza, a coerência. É por isso que eu digo que são vários Joões, mas tem um só que é uma integridade, um rumo de ideais.

E, depois, estou resumindo tudo, vem a fase extraordinária e pouco conhecida do..., porque, não é, porque muita gente sabe dos livros de João, mas é pouco, é uma fase pouco conhecida, é pouco destacada a qualidade intelectual de João Falcão e a contribuição que ele tem, que ele deu à compreensão de nossa história.

É um dos mais capazes analistas da nossa participação na Segunda Guerra Mundial nos livros dele. Ele revela ali como que...o Joaci estava lembrando isso. Nós entramos na guerra por exigência da população na rua. É curioso isso. Nós entramos na guerra, porque o povo foi para as ruas para pedir: temos que combater o nazifascismo.

E mais curioso ainda é localizar que o Partido Comunista era a principal liderança para exigir que Getúlio declarasse guerra ao Eixo. Com vários de seus dirigentes presos. Mas tinha a clareza, a lucidez de exigir que o Brasil combatesse o mal maior, que era o nazifascismo.

Ele produz uma obra extraordinária com relação à entrada do Brasil na guerra e a participação dos comunistas nesse esforço grande. Ele escreve sobre a militância dele, os 20 anos de clandestinidade – todo mundo está convidado a ler –; ele escreve uma

biografia – a única que conheço, mas eu posso estar equivocado – do grande Giocondo Dias, que até o momento em que ele escreve ninguém falava muito e tudo. Mas foi um dirigente, um grande dirigente do Partido Comunista Brasileiro, um cara que teve um papel essencial na Declaração de Março de 58, por exemplo, quando ele reúne os principais intelectuais do partido e acaba sendo produzida uma declaração, que é uma espécie de conversão definitiva do partido à democracia, no sentido mais amplo da palavra.

Ele revela o Giocondo, o grande, e se revela também, porque o João não foi pouca coisa, ele foi um homem absolutamente ligado a Marighella, ele foi um homem absolutamente ligado a Prestes. E ele conta tudo isso e faz um belo livro sobre a própria história do *Jornal da Bahia*, *Não Deixe Esta Chama se Apagar*. Tem uma obra, portanto, fantástica.

Um dia – volto a Joaci –, um dia Joaci me disse ao falar sobre livros que escrevi: “É o que sobra da existência, são esses livros”. Eu não sei se é exatamente isso, eu acho que sobra mais. João foi um semeador, um semeador de sonhos, de esperanças. E deixou para todos nós a lição de que é possível ter ideais e segui-los durante a vida inteira. Não importa que a gente mude aqui, mude acolá, e sempre mudará. Mas são ideais a uma linha, uma linha fundamental que ele sempre seguiu, de lutar pela liberdade, lutar pela igualdade, lutar pela vida do nosso povo.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex Lima): Registro as presenças de Francisco Almeida, da direção do Partido Cidadania; Antônio Carlos Mota, também do Partido Cidadania; Sineia Coelho, coordenadora de Comunicação de Turismo, que neste ato representa o secretário Fausto Franco; Adolfo Neto, assessor da Secretaria do Meio Ambiente, que neste ato representa o secretário João Carlos Oliveira; Gabriel Carvalho, assessor de Comunicação de Planejamento, que neste ato representa o secretário, Walter Pinheiro; João Marcelo Gomes, da Prefeitura Municipal de Feira de Santana; George Gurgel, da Fundação Astrojildo Pereira.

Agora passo a palavra ao neto do homenageado, o Sr. João Falcão Neto, representando todos os netos.

O Sr. JOÃO FALCÃO NETO: Bom dia a todos.

Eu estou muito emocionado com esta homenagem. Estava conversando com a minha tia Adenil e está difícil até conseguir falar alguma coisa.

Não tenho a oratória do querido Emiliano, do Walter, nem do Joaci. Então, escrevi um pequeno texto aqui para não me abster de citar ninguém.

Gostaria de agradecer a presença de todos os amigos e parentes aqui; agradecer ao eminente deputado estadual Alex Lima por essa homenagem; a Joaci Góes; a Walter Pinheiro; ao nosso querido Emiliano. Muito obrigado a vocês pela presença. Gostaria de dizer também e agradecer muito a presença de Armandinho. Armandinho teve que se retirar, porque ele tem um show, hoje, em Brasília. E mesmo dormindo sempre às

5h da manhã, ele fez questão de 7h da manhã me ligar para estar aqui fazendo essa homenagem.

Gostaria de dizer que essa chama que João Falcão plantou jamais será apagada. Meu avô nos ensinou a respeitar todas as pessoas independentemente de suas condições financeiras e suas convicções políticas. Isso é humanidade e democracia.

Hoje estou aqui representando os netos. E gostaria de dizer que o convívio com o meu avô, nossos jogos de buraco, nossas conversas, sempre foram pautadas nos ensinamentos, na alegria e no respeito. O meu avô dificilmente alterava a voz e jamais o ouvi desrespeitar qualquer pessoa que fosse.

Para nós, a saudade sempre existirá, mas não tenho dúvida de que onde ele estiver sempre estará sempre cuidando da família, ao lado da minha querida e amada avó Detinha, companheira de toda uma vida. Essa foi uma de suas grandes qualidades do meu avô, a dedicação e o amor à família.

Não vou adentrar aqui nos seus grandes feitos..., que já estão sendo narrados por esses amigos queridos. (...) Aqui apenas me refiro ao João Falcão, bisavô, avô e pai, o nosso sempre amado Jotinha, como nós, netos, gostávamos de chamá-lo. Lembro-me ainda pequeno dos momentos em que ficávamos passando o pente em seu cabelo e ele adormecia. E, no final, além do carinho recebíamos também um dinheirinho. (Risos)

Obrigado meu avô. E não tenha dúvida de que a sua vida valeu a pena.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex Lima): Concedo a palavra ao presidente da Associação Bahiana de Imprensa, Dr. Walter Pinheiro.

O Sr. WALTER PINHEIRO: Bom dia a todos, quero saudar o deputado Alex Lima, que preside esta sessão – e nesta oportunidade também saudando os demais integrantes deste Parlamento, em especial o nosso querido amigo Eduardo Salles, que já nos deixou aqui nesta manhã –, e também aproveitar para, não só parabenizá-lo pela iniciativa de propor esta homenagem tão oportuna, de certa forma repetir aquilo que venho fazendo já há algum tempo, que é ressaltar a importância que existe nas instituições do porte da Assembleia Legislativa e outras das quais participamos, como a Associação Baiana de Imprensa e também a Ordem dos Advogados, a Santa Casa de Misericórdia, instituições desse porte – a própria Academia de Letras da Bahia, onde nosso imortal Joaci Góes vem fazendo isso com maestria –, que é de estar permanentemente reverenciando, homenageando os grandes vultos baianos ou brasileiros.

Na quadra atual em que passa o nosso país, e a própria humanidade, em que a luta pelo ter supera o ser, cabe a nós estarmos permanentemente passando para as novas gerações aquilo que representaram esses grandes vultos. É dentro dessa síntese que vejo essa homenagem que a Assembleia Legislativa promove, salientando que na minha visão, por ser esta instituição do sistema democrático aquela de maior representatividade popular – porque todos que aqui estão vêm com o apoio, com uma

indicação, com uma votação do povo –, uma homenagem que aqui acontece, ela tem um efeito, ela tem um significado, uma legitimidade sem par. Por tudo isso, meu caro deputado Alex Lima, meus parabéns!

Gostaria de saudar também a Sr.^a Adenil Falcão – uma conhecida, não digo de longas datas, porque ela é muito jovem, mas, enfim... –, representando os filhos do homenageado; o Sr. João... O senhor, não, meu amigo João Falcão Neto, que aqui falou me antecedendo, representando os netos. Está faltando o representante dos bisnetos. Pelo que eu saiba, tinha 11, mas já deve ter mais a essa altura; meu caro companheiro de lutas e mestre Joaci Góes, presidente da Academia de Letras da Bahia; Sr. Vereador Justiniano França, que neste ato representa o prefeito de Feira de Santana; meu querido amigo, companheiro e, sempre, deputado Emiliano José.

Neste momento, também, agradeço as palavras aqui mencionadas, realistas e, de certa forma, generosas, de Emiliano José até porque o que *a Tribuna* fez – e acho que Joaci terá oportunidade também de salientar isso – quando da sua chegada, foi cumprir com os compromissos que vieram até de Elmano e de Quintino, poucos anos antes da fundação do jornal, de se manter independente, de não se quedar diante das pressões, mesmo naquele momento tão tenso como *a Tribuna* surgiu em 1969. De certa forma, estava *a Tribuna*, também, seguindo os exemplos, já recebidos, do nosso grande homenageado desta data, João da Costa Falcão.

Gostaria, também, de registrar e saudar os companheiros Luis Guilherme e Jair Cesarinho, integrantes da Associação Bahiana de Imprensa, como também a nossa querida Railana e o Romildo de Jesus, integrantes da *Tribuna da Bahia*. Essas são instituições se incorporam, meu caro João Neto, nesta devida homenagem ao nosso João Falcão.

Como disse Emiliano, na verdade, são várias e várias as personalidades e figuras que compõem o João. Digo isso em relação não só à sua inteligência polifacetada, como também a essa intrepidez, a esse desejo de fazer, a esse desejo de realizar, a essa inquietude que ele revelava em aproveitar todos os minutos que pudesse da vida.

Quando eu penso em João, eu penso, também, em uma frase ou em um pensamento que, sempre, está comigo, que foi do James Dean quando ele disse: “Sonhe como se fosse viver para sempre. Viva como se fosse morrer amanhã.” O que quer dizer isso? Não perca a chance na vida. Não se preocupe pelo futuro. Haja. Viva o presente e atue.

Percebia em João – a sua história mostra isso – um desejo, às vezes, até, contraditório. Por quê? No mesmo momento em que ele se encantava pelas teorias, pelas teses comunistas, e se tornava um militante já aos 18, 19 anos, chegando ao ponto de se filiar ao próprio Partido Comunista, chegando ao ponto de se vincular a Luís Carlos Prestes para ser o seu guarda-costas e seu motorista, enfrentando todo processo da repressão, por outro lado, ele era egresso de uma família abastada, de um pai, o saudoso João Marinho Falcão, usineiro, pecuarista. E João Falcão participava, à frente, no desejo de que aquelas teses comunistas pudessem prosperar no país.

A impressão que me passa é a de que ele é um verdadeiro social-democrata. Ou seja, ele sabia da importância que tinha o capital, ele sabia da importância que tinha o

patrimônio. Mas, acima de tudo, ele desejava uma sociedade justa, uma sociedade fraterna. E, com isso, é como se dissesse assim “que existam os patrimônios, mas que esses patrimônios sejam mais bem usufruídos pelo restante da população que passa dificuldades”. (Palmas)

E meu pai teve o privilégio. O meu pai já é falecido há 19 anos. Mas ele teve o privilégio de conviver com João. Meu pai fez tiro de guerra com João Falcão. Existem histórias muito interessantes a respeito dele. Há uma história que eu nunca esqueci e cabe neste instante.

A Coluna Prestes passou por aqui ou uma de suas ramificações, não sei bem, passou próxima às propriedades de seu pai. João colheu animais, mandou matar boi para tirar a carne para dar ao pessoal para eles poderem se alimentar. Então, as pessoas pensavam assim: “Ele é o quê? Ele é pecuarista? Ele é usineiro? Ele é comunista?” Esse pensamento era em relação ao próprio João Falcão.

Mas, enfim, isso demonstra o desprendimento, o desejo que ele tinha, àquela altura da vida, ainda mais jovem, de viver uma sociedade, viver uma nação, viver em um país mais bem dividido, sem pobreza e sem as necessidades que, infelizmente, até hoje, nós temos de conviver, nós temos de assistir, embora nunca devamos nos quedar diante da luta para combater isso daí.

Quanto à participação de João na imprensa, ela já ficou muito bem definida pelo nosso Emiliano, pois, inclusive, conviveu no próprio jornal. Mas eu poderia agregar algo.

Primeiro, meu caro deputado, quanto à relação da imprensa com a Assembleia Legislativa da Bahia, ela é muito próxima. Poderíamos, até, dizer que a relação, entre a Assembleia Legislativa e a imprensa, é a de irmãs siamesas. Em 1960, esta instituição ocupou os quatro pavimentos que a Associação Bahiana de Imprensa tem no prédio, na sua sede social, na Praça da Sé, até 1974, quando houve a transferência para o CAB.

Enfim, já se sabe que, sem imprensa, não existe democracia; sem democracia, não existe parlamento e não existe uma Assembleia Legislativa. Por outro lado, sem uma Assembleia Legislativa, não existe uma imprensa livre. Então nós estamos muito intrincados nisso.

Quanto a esta homenagem, ela se fortalece por todos esses aspectos.

João teve a coragem de fundar a revista Seiva, o jornal O Momento e, depois, o *Jornal da Bahia*. São três instituições e são três publicações que permaneceram na história e são mencionadas a todo instante. Quanto às duas primeiras, até porque, à época, o grande meio da comunicação estava no processo escrito, era na imprensa, no meio impresso.

Então, sempre que se fala em liberdade de imprensa, sempre que se fala na defesa dos ideais democráticos ou mesmo quando se fala das teses comunistas, volta-se à fundação e à existência da Seiva e, por outro lado, de O Momento.

E, mais adiante, veio o *Jornal da Bahia* que já alguns presentes acompanharam todo o processo. A luta que houve. A renovação que trouxe. A abertura que

proporcionou a uma classe significativa de jornalistas. Enfim, praticou-se um programa editorial bem diferenciado daquilo que vinha acontecendo antes.

Então, o *Jornal da Bahia* enfrentou as teses, as dificuldades, as pressões, já citadas, mas, acima de tudo, não se quedou. Surgiu, daí, não só este magnífico *slogan*, que me parece ser de Ponce de León, qual seja, “não deixe esta chama se apagar”. Acho que foi ele quem a criou, Ponce de León. E que não aconteceu.

O jornal, praticamente, circulou com uma folha, acho que chegou a... Mas não deixou de circular. Depois, se recuperou. Venceu o inimigo, venceu o adversário, aquele que queria, a todo custo, estrangular a existência do jornal, uma demonstração mais clara do que nunca do que significa a luta pela liberdade de imprensa e que tanto serviu de exemplo, também, para a própria Tribuna nas suas lutas a partir de 1980/1982 contra as pressões recebidas.

Já tinha acontecido com relação ao próprio sistema militar, quando a *Tribuna* foi incluída na lista negra dos jornais brasileiros, ou seja, aqueles que não poderiam receber publicidade. Mais adiante, pela própria postura do então governador Antônio Carlos, o jornal segurou de toda forma tendo Joaci como o baluarte ao colocar o seu patrimônio à disposição para a manutenção deste jornal que, recentemente, alcançou 50 anos de vida.

Com João, eu tenho uma passagem muito interessante. Essa diz respeito ao aspecto empresarial dele. Por quê? São vários os Joãos. Há o João militante, há o João advogado, há o João escritor, com os seus seis livros, há o João pai, avô e neto, pois isso, aqui, é sempre mencionado. Há o João jornalista.

Mas há, também, o João empresário. João, ele fundou três empresas ligadas à construção e à incorporação imobiliária. Inclusive, esse grande projeto, aliás, o prédio, implantado na Rua Chile, do Antônio Ferreira, era em homenagem ao seu querido sogro. Houve o projeto de Oscar Niemeyer. Veio para cá para valorizar o centro histórico e, até hoje, lá, continua. Há o Condomínio Interlagos que foi uma outra iniciativa de uma das suas organizações.

Ele foi conselheiro da Usiba, a Usina Siderúrgica da Bahia. Ele foi fundador e diretor do Banco Baiano da Produção que, depois, se transformou em Banco da Produção, indo até Manaus. E ele estava presente. Ele foi fundador e diretor do Banco de Desenvolvimento da Bahia, o Desenbanco, hoje é o Desenhahia, já para tratar dos aspectos dos investimentos no estado no governo Luís Viana.

Ou seja, João estava presente em todos esses segmentos e em todas essas áreas da vida baiana, mas não se esqueceu da sua Feira de Santana. Dentre as várias iniciativas, há o Museu Regional de Arte, em Feira, implantado por ele e dirigido por ele durante um bom tempo junto com outros companheiros de lá.

Quer dizer, ele era um homem, extremamente, sensível, um homem que dignificou toda a Bahia, seus contemporâneos, seus companheiros de imprensa, como somos nós, que temos inclusive na ABI, de onde ele foi também associado, ele como referência, era para estarmos sempre a homenageá-lo.

Para não ir longe, quando cheguei aqui o João Falcão Neto me lembrava quando das homenagens, das exéquias, no velório do nosso João, e lá para as tantas, eu

já não lembrava, mas, enfim, eu continuo pensando assim, quando eu disse que mesmo aos 92 anos João partiu precocemente. Acima de tudo, e essa imagem que está aqui, que é uma imagem muito real dele, João não envelheceu. João tinha uma postura, uma imagem jovem, talvez revelando todo seu desprendimento, todo seu comprometimento com a vida, com a realidade dos fatos, com o desejo de contribuir, João era isso daqui.

Mas tenho uma outra, meu caro João Neto, que eu encerro. Eu me lembro de uma escritora, jornalista italiana, Oriana Fallaci, que tem várias publicações, já é falecida, mas uma delas era *Un Uomo*, Um Homem em italiano, que ela fez em homenagem ao grande amor da vida dela, um ativista grego, Alexandros Panigoulis, que lutou e terminou dando sua vida brigando contra os ditadores gregos, e um deles nós conhecíamos muito, que era o Papadopoulos. E, num desses entraves tido, um dia, ele foi atingido e morto. O sepultamento dele foi algo como não se tem conhecimento até hoje em termos de presença do povo na rua. O apelido dele era Zi, e o povo gritava Zi, Zi, Zi, uma coisa magnífica.

Ela termina o livro dizendo o seguinte: “Que o verdadeiro homem é aquele que ao partir, pelos seus exemplo, pelas suas palavras, pelas suas atitudes, permanece sempre vivo.”

Então, esta é uma chama que não pode se apagar. Para João Falcão, todos os nossos aplausos. (Palmas)

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. Presidente (Alex da Piatã): Concedo a palavra ao presidente da Academia de Letras da Bahia, Dr. Joaci Góes.

O Sr. JOACI GÓES: Sr. Presidente, Alex Lima, V. Ex.^a está de parabéns pela iniciativa que tomou de promover este encontro, eminente e velho amigo Emiliano José; meu caro Walter Pinheiro; Adenil, aqui representando os filhos, Falcão Neto, os netos e bisnetos; Justiniano França, representando o prefeito Colbert Martins, de Feira de Santana. Eu queria, aludindo aos presentes, aos jornalistas que vejo aqui, cumprimentar todos, na pessoa do jornalista, meu velho amigo e meu eleitor para a constituinte, Levi Vasconcelos. (Palmas)

Dizer que você ser deixado para falar por último é uma faca de dois gumes, porque você vem com um esquema e cada um dos oradores que lhe antecede vai levando parte da sua pauta.

Aqui, hoje, essa usurpação começou com o vídeo, porque me ocasionou a agradável frustração de não poder apresentar como original a sugestão para que se fizesse da música *My Way* a música síntese da vida de João Falcão, já começou logo por ali. E depois cada um foi fazendo o desdobramento, e eu fui reformulando as coisas que teria que dizer, para concluir que por tudo que nós escutamos aqui a biografia rocambolesca de João Falcão tem muitas dimensões.

Cataloguei algumas delas, as mais visíveis. A primeira, a sua vocação é robinhoodiana, ele é um Robin Hood, mas um Robin Hood diferente, porque o Robin

Hood da criação literária não era rico e João Falcão era rico, e ele se apaixonou, quem sabe talvez inspirado em Engels, e começou cortando na própria carne, na própria pele, e provocou uma inquietação notável na família.

Era um rapaz muito amado, segundo filho, querido, inteligente, bonito. Aliás, mencionaram aí, eu não conheci nunca, até hoje, um homem que chegasse aos 92 anos com a beleza física de João Falcão, uma coisa impressionante, absolutamente impressionante. O que acresce à sua biografia de ter se mantido fiel ao longo dos 64 anos de casamento, à sua mulher, porque eu próprio testemunhei a maneira como as mulheres davam em cima dele e ele resistiu bravamente. Isso não é coisa para muita gente.

A segunda dimensão da vida dele foi a atividade política, que aqui Emiliano destacou também, mas extremamente arriscada e difícil. Aquilo que ele fazia àquela época, se articulando do Norte do país até Buenos Aires, onde ele foi conversar com Ghioldi, que era um dos corifeus do comunismo na América Latina, a quem ele até voltou para ouvir mais de uma vez, encontrando, aos 88 anos de idade, para colher informações na composição do seu livro *O Partido Comunista* que eu Conheci. Então, essa segunda dimensão, a dimensão da sua atividade política foi algo verdadeiramente impressionante.

A terceira foi o jornalista. Na realidade faltou aqui mencionar a obra matriz e pioneira de todas as produções posteriores, a revista *Seiva*, o *Jornal Momento* e o *Jornal da Bahia*. Aos 16 anos ele criou um mural na escola chamado *Unidade* e foi aí no *Unidade* onde ele colheu as primeiras manifestações de simpatia pela sua emergente e precoce liderança, e daí quem sabe foi que gerou todas essas produções posteriores. Tem um aspecto que foi também aqui destacado, é inacreditável que um menino de 19 anos tenha criado a revista mais interessante, o semanário mais interessante que se publicou no Brasil. Isso não aconteceu nem em São Paulo, nem no Rio de Janeiro, aconteceu aqui na Bahia, recebendo a contribuição de expoentes da inteligência brasileira, do continente Sul-americano e até da Europa. Portanto, uma terceira dimensão.

A quarta dimensão é a sua atividade como empresário, mostrando que ele era um homem múltiplo e como empresário muito bem sucedido, sem o que ele teria sucumbido, porque ele consumiu parte substancial do seu patrimônio com prejuízo para ele e para sua família para sustentar a guerra de manter em pé o *jornal da Bahia*, a ponto de na etapa final ter vendido a própria cede do jornal na Barroquinha.

A quinta dimensão que não é nada de não se levar em conta, muito pelo contrário, é uma dimensão que foi a principal que o levou a ingressar na Academia de Letras. Destaquei na oportunidade que tive a honra de recebê-lo na Academia que ele era, naquele momento, e continua sendo até hoje, conversava há pouco com Emiliano, o maior memorialista do Brasil contemporâneo. A obra de João Falcão, que eu conheço toda, precisa e merece ser conhecida e impressiona a qualidade do texto de um lado, a fidelidade das informações e o distanciamento que ele conseguiu manter quando tratou do tema do Partido Comunista sem parecer ressentido de um lado e sem parecer destituído do senso crítico do outro.

E mais desafiador ainda nesse particular foi a biografia que ele escreveu do pai. Eu não conheço, pelo menos no território baiano, um preito, uma homenagem tamanha como a que ele prestou ao seu pai, mas o fez sem pieguice, nenhuma pieguice. O pai dele, que eu conheci pessoalmente o coronel João Marinho Falcão, emerge do seu texto como ele era de fato, porque as personalidades verdadeiramente grandes não necessitam que você as magnifique de maneira completamente fora de propósito.

Finalmente a última e não menos importante dimensão a sexta, se fosse pesquisar ainda avançaria para sétima, oitava, mas ficarei na sexta, a notável família que ele construiu. Uma família do tamanho que ele construiu, a manutenção dessa família unida do modo que ela é. O preito que esses filhos e netos e agora bisnetos prestam ao seu extraordinário avô, cuja homenagem de hoje dignifica o mandato deste jovem deputado, Alex Lima, como também magnifica o trabalho desta instituição que representa o povo da Bahia.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex Lima): Quero registrar a presença do jornalista Francisco Almeida, que representa neste ato o presidente do Cidadania, Roberto Freire. Veio de Brasília especialmente para a homenagem.

E agora, para finalizar, a última oradora. Concedo a palavra à filha do homenageado, Sr.^a Adenil Falcão, que pediu para falar daqui mesmo. (Palmas)

A Sr.^a ADENIL FALCÃO: Bom dia a todos, queria inicialmente expressar aqui o nosso enorme agradecimento a Alex Lima, vice-presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, por nos dar essa oportunidade de relembrar, de nos emocionar com o centenário de João Falcão.

Segundo, queria agradecer aos amigos Emiliano José, Joaci Góes, Walter Pinheiro porque vou fazer das minhas palavras as palavras de vocês. Vocês disseram tudo. Eu não vou, na verdade, seguir o meu roteiro, porque, como disse Joaci, ficamos... Quer dizer, assim, quem fala por último, na verdade, vai, em muitos aspectos, repetir o que já foi dito, mas isso me alegra muito, porque eu acho que este foi um encontro de muita verdade, como era meu pai.

O que eu iria dizer dele, de alguma forma, vocês três colocaram com muita beleza, com muita verdade, o que revela a amizade e o carinho que vocês tinham por ele.

Muito obrigada.

Também queria cumprimentar o representante do deputado Colbert Martins, prazer em tê-lo aqui conosco, Justiniano. Queria, então... eu vou comentar aqui alguns pequenos aspectos e vou fazer um pouco como Joaci fez, falar de algumas das dimensões da vida dele, começando por, de alguma forma, referendar o que foi dito por Emiliano José no sentido de dizer que a vida de meu pai tinha um fio condutor. Esse fio condutor, a gente o sente presente do início ao fim, e é interessante porque esteve presente na fala do Joaci, esteve presente na fala do Walter Pinheiro, esteve presente

na fala de Lídice, esse fio é a coerência, a coragem de não se deixar abater, não se deixar vencer. Isso a gente vê presente mesmo nos seus últimos anos de vida, em desafios, em pequenos desafios, como andar na praia. Ele teve um aneurisma, o médico disse: “Não pode”. Ele disse: “Minha filha, eu vou.”

Ele enfrentava, ele tinha uma coragem, acho que isso é uma lição que ele nos deixa, para as novas gerações: a coragem de enfrentar, de não se abater, de enfrentar os desafios e ir até o fim. Isso, realmente, foi um aspecto muito marcante e que hoje ilumina as nossas vidas.

Queria também destacar a sua vida de estudante. Quer dizer, ele viveu plenamente a sua vida de estudante, o Joaci trouxe muito bem. A primeira revista do Partido Comunista foi a revista Seiva. Gente, quando se vê hoje um jovem de 19 anos com essa iniciativa, esse empreendedorismo... E isso o acompanhou, porque ele era um empreendedor. Estava sempre... Ele dizia: “Minha filha, quando eu concluo, eu já não gosto. Eu gosto de construir, eu gosto de realizar”. Então, como estudante, ele teve uma vida... em todos os aspectos da vida dele, ele viveu com plenitude, com entrega, com paixão e com coragem. Isso a gente sente nele como estudante, como jornalista.

Queria destacar também aquele momento do *Jornal da Bahia*, que foi, realmente, uma luta quixotesca que ele enfrentou com coragem, não se deixando entregar. Eu lembro, são lembranças e memórias que eu tenho, de empresários da Bahia ligando para ele e dizendo: “João, eu vou comprar cem jornais, eu vou comprar 200, mas eu sou empresário, eu não posso anunciar no seu jornal”. Então ele era também muito querido.

Durante um período da história do jornalismo, dois jornais apenas se mantiveram em circulação: *O Pasquim* e *Jornal da Bahia*. Isso é... é uma coisa fantástica, então o povo não deixou essa chama se apagar. Foi uma campanha, foi uma luta da sociedade brasileira. O *Jornal da Bahia* teve um papel emblemático, mas foi uma luta da sociedade brasileira.

O *Jornal da Bahia* foi marcante nas nossas vidas, a história, o início do jornal, quando ele deixou o partido. Um pouquinho antes dele deixar o partido, quando ele foi para a Rússia – isso também foi um fato que foi muito marcante para a gente –, ele levou uma delegação, ainda como deputado federal, e lá na Rússia ele assistiu... Ele tinha aquela paixão, aquela crença no partido, e ele teve aquele momento de decepção, de tristeza, de ver todos os crimes estarem sendo divulgados. Quando ele voltou, ele escreveu o artigo *Quebrou-se meu ídolo de barro* e saiu do partido, mas não deixou a militância, não deixou os seus ideais democráticos nem os seus ideais humanitários.

Daí funda o *Jornal da Bahia* com aquela equipe, funda o *Jornal da Bahia* com os meus sogros e Telma de Oliva, Milton Cayres de Brito e com uma equipe fantástica de jornalistas: Flávio Costa, Muniz Sodré, um dos primeiros, Glauber Rocha... Foi uma equipe que marcou o jornalismo não só baiano como brasileiro.

Queria falar um pouco também... queria falar um pouquinho também da vida pessoal, do casamento. Ontem Joaci falou um pouco disso também, que foi de quando ele se apaixonou por minha mãe num navio de Itaparica, esse foi um aspecto que a

gente não falou, e minha mãe era uma moça burguesa, desligada da militância política dele. Mas ele foi verdadeiro também no seu amor.

E estavam os convites distribuídos... Meu avô era um comerciante conhecido, diretor da loja Duas Américas, fundador da loja Duas Américas. Muitos de vocês não conhecem, mas foi o primeiro magazine na Bahia que teve uma escada rolante. Então, era um comerciante muito conhecido. E 900 convites distribuídos e ele teve que desistir do casamento, porque ele foi tomar conta do aparelho de Prestes. Vocês imaginem, 900 convites distribuídos e esse casamento é desmarcado, com grande apreensão de ambas as famílias, tanto a família Ferreira, quanto a família Falcão. Eles terminam casando e ela indo morar no Rio de Janeiro com ele.

E eu digo, não sei se a paixão dele, a crença no Partido era tanta que eu não sei se ele me conta. Eu já acho que... Eu me lembro que no nosso apartamento, um apartamento muito simples, tinha um quadro e esse quadro era de Stálin, e que ele me fala assim: “Minha filha, quem é esse?” E eu dizia: “Vovô Stálin”. Então, vocês vêm que tudo que ele viveu, ele viveu com grande, grande paixão.

Ele tinha uma admiração enorme... Meu pai era um homem de poucos elogios. Ele não elogiava, não achava certo elogiar filho, neto, enfim, mas ele tinha uma admiração enorme... Na minha vida, eu lembro dele elogiando minha mãe e elogiando os irmãos. Ele tinha uma admiração por esses irmãos. Ele nos deixou um exemplo de união, de admiração pela família que é, realmente, uma coisa emocionante e impressionante.

Eu acho que, com isso, a vida de escritor... eu gostaria de falar um pouco porque acho que foi um resgate lindo que ele fez no fim da vida. Depois de ter sido estudante ativo, jornalista ativo, empresário, que vocês já citaram, ele resolve pinçar alguns aspectos da vida dele e escrever sobre esses aspectos. Isso é aquela: “Vamos, agora, entender a caminhada. Já caminhei e deixe-me entender a caminhada”.

E ele procurou entender a sua caminhada escrevendo, escrevendo os livros em que ele resgata algo que foi tão importante na vida dele, que foi a vida no Partido Comunista, um livro em que ele resgata a relação dele com a família, que é o livro sobre o meu avô, e, finalmente, o “Valeu a Pena”. Aos 90 anos, a alegria que ele tinha de viver para poder escrever um livro com a certeza de que a vida valeu a pena. Isso é lindo também!

Então, eu acho que... na verdade, fico por aqui. Queria agradecer a todas as pessoas aqui presentes por esse carinho. Eu acho que o maior patrimônio que o meu pai nos deixa é esse carinho que a gente tem, que todos têm por ele, e isso pela delicadeza dele, pela forma como ele se comportava, pela gentileza.

Eu lembro que, já no hospital, ele nos ensinava a todo tempo a ser gentil. Às vezes eu era um pouco dura com o médico, querendo saber mais detalhes, e ele dizia: “Minha filha, não se faz isso, não se fica perguntando tanto!” Ele tinha... até no hospital, já prestes a nos deixar, ele ainda nos ensinava como ser gentil, como ser delicado, como ser amigo das pessoas.

Então, com isso, eu queria agradecer a todos vocês aqui, porque quem está aqui presente são pessoas que mantiveram com ele uma relação de amizade, de carinho, de

fraternidade, e lembrar a todos aqui o seu exemplo de não desistir nunca, de ter a coragem de continuar, de perseverar e de ter essa coerência.

Eu acho que neste momento que passamos no país de anti-humanismo, não só no país, no mundo, eu acho que relembrar – e agradeço mais uma vez a Alex – vidas que tiveram como eixo condutor ideais humanitários, ideais democráticos, é saudável e nos faz muito bem.

Obrigada a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex Lima) Em nome da Assembleia Legislativa da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, das Sr.^{as} e Srs. Deputados, da imprensa, e declaro encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.